

Política



FILHO DE JOHN LENNON
 "Lembra quando Bolsonaro era o fascista?"
 Herdeiro do mito, o senador ataca o legado de Bolsonaro e ironiza críticas ao ex-presidente



DIFERENÇA DE MÉTODO

Lira e Pacheco divergem na relação com o Planalto e trilham caminhos distintos na corrida pela sucessão

LAURIBERTO POMPEU E
 RENATA AGOSTINI
 publicou@globo.com.br

Vivendo momentos diferentes na relação com o governo federal, os presidentes do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), passam por fases também distintas na condução da sucessão das Casas que comandam, movimento que tem impacto direto em seus futuros políticos. Lira terminou a semana subindo o tom contra o ministro Alexandre Padilha (Relações Institucionais) e vem ampliando os gestos para a oposição, justamente por ter pela frente um cenário mais emboado para garantir um sucessor. Já Pacheco, que saiu em defesa de Padilha, vê caminho aberto tanto para empalar o senador Davi Alcolumbre (União-AP) na cadeira que hoje ocupa como para ter o apoio do PT em uma candidatura ao governo de Minas Gerais em 2026.

Apesar de avançar com temas da oposição, como as restrições às "saldinhas" dos presos, a proposta que constitucionaliza a criminalização do porte de drogas e medidas de contenção ao Supremo Tribunal Federal, Pacheco age sempre alinhado com o líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-BA), e com os ministros Padilha e Fernando Haddad (Fazenda). Além disso, se reúne com frequência com Padilha, com quem Lira não fala desde o fim do ano passado.

Pacheco se distanciou de Bolsonaro em direção a Lula antes que o presidente da Câmara fizesse movimento semelhante. Exemplo disso são as eleições municipais. Em Belo Horizonte, a tendência é que haja disputa entre PSD e PT, mas nas cidades do interior Pacheco tem se empenhado em auxiliar o PT de olho no apoio do partido para a sucessão de Romeu Zema.

— Nosso projeto em Minas para 2026 é com a esquerda — diz o deputado Luiz Fernando Faria (PSD-MG), coordenador da bancada mineira no Congresso, ao tratar da tentativa de união com os petistas.

SINAIS COM BRAZÃO

Na Câmara, Lira lida com a dificuldade de não ter formado o mesmo consenso que Pacheco criou com Alcolumbre. O nome visto como preferencial no Planalto é o do líder do PSD, Antônio Brito (BA), mas há dúvidas sobre a viabilidade. Líder do União Brasil na Casa, Elmar Nascimento (BA), alinhado a Lira, vem tentando quebrar resistências no governo, enquanto o deputado Marcos Pereira (SF), presidente do Republicanos, tem ampliado o contato com o Executivo, ao mesmo tempo que não fecha as



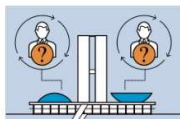
Na Câmara, Arthur Lira tem histórico de virgindades e está cadê de corda com o Planalto do P. Al.



No Senado, Rodrigo Pacheco vem fazendo movimentos de aproximação com o governo federal.

SINAS TROCADOS

SUCESSÃO NAS CASAS



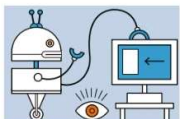
A situação de Pacheco para eleger Alcolumbre seu sucessor é mais confortável que a de Lira. O presidente da Câmara tem o desafio de cortar o processo preservando seu capital político em meio a aflições com o governo. Ele espera a aprovação do PL Elmar Nascimento e o nome mais alinhado, mas outros deputados do Centrão estão no páreo pelo apoio de Lira.

LEI DO IMPEACHMENT



Pacheco é a favor de mudanças na Lei do Impeachment, limitando o poder da Câmara de segurar os pedidos e usá-los como instrumento de pressão. Lira sinalizou que não deve levar adiante projeto na Casa. Um dos pontos estabeleceu um tempo limite de 30 dias para que o presidente da Câmara se posicionasse sobre pedidos de afastamento.

FIM DA REELEIÇÃO



Pacheco deseja acabar com a reeleição no Executivo e estabelecer a consistência de eleições para todos os cargos eletivos, em um processo que também pode aumentar de oito para dez anos os mandatos de senadores. Arthur Lira evita o tema, mas defende a discussão sobre a adoção de um modelo de semipresidencialismo no país.

dente do Senado apresentou uma iniciativa de sua autoria, que é relatada por Eduardo Gomes (PL-TO) — a Câmara ainda avalia uma forma de ter a palavra final sobre o assunto.

Em relação ao projeto que regulamenta as redes sociais, Pacheco cobrou que o Congresso avance na responsabilização das plataformas após ataques de dono do X (antigo Twitter), Elon Musk, ao ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes. Lira, por sua vez, evitou falar sobre o empresário e esfriou o debate ao criar novamente um grupo de trabalho.

'SENHOR DEMOCRACIA'
 As rotas opostas entre Lira e Pacheco não são uma novidade em Brasília. No ano passado, os dois chegaram a cortar relações em meio à divergência sobre o rito de tramitação das Medidas Provisórias (MPs). À época, coube a Alcolumbre fazer a interlocução entre as partes, já que os comandantes da Câmara e do Senado se quer se falavam.

O eixo do conflito, na ocasião, era a intenção de Lira de passar a incluir nos colegiados que tratam das MPs uma proporção de três deputados para cada senador — a Constituição não prevê paridade absoluta, citando apenas uma "comissão mista". Pacheco se opôs à iniciativa, que não prosperou. Ainda com Jair Bolsonaro (PL) no Planalto, Pacheco foi uma voz mais contundente do que Lira ao contrapor os ataques do então presidente ao Supremo Tribunal Federal (STF) e às urnas eletrônicas. Incomodado com os constantes posicionamentos do chefe do Senado, Lira chegou a apelidá-lo, ironicamente, de "senhor democracia".



Pad. Pad. há foi chamado de "incompetente" por Lira, enquanto Pacheco saiu em sua defesa.

PAUTAS DIFERENTES

No início do ano, Lira agrediu a oposição ao aceitar a indicação da bolsonarista Caroline de Toni (PL) para o comando da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) e de Nikolas Ferreira para a Comissão de Educação, dois nomes que prometem ser pedra no sapato do governo ao longo do ano. O presidente da Câmara mantém contato com o ex-presidente Jair Bolsonaro — em janeiro, os dois tiveram uma conversa longa em Alagoas sobre a sucessão na Câmara e eleições. Em Maceió, Lira apoiará a reeleição do prefeito JHC, filiado ao PL de Valdemar Costa Neto.

Nas pautas, as diferenças entre Pacheco e Lira também vêm se manifestando. O presidente do Senado é a favor de mudanças na lei do impeachment, limitando o poder da Câmara de segurar os pedidos e usar como instrumento de pressão. O Senado também deseja acabar com a reeleição no Executivo e estabelecer a coincidência de eleições para todos os cargos eletivos, em um processo que também pode aumentar de oito para dez anos os mandatos de senadores, algo que tem a contrariedade dos deputados.

Na Câmara, há um entendimento que Pacheco tomou para si a regulação da Inteligência Artificial. No final de 2021, os deputados aprovaram um projeto que foi ignorado pelos senadores. Em vez disso, o presi-

PARTE DA VITÓRIA

Carreras (PSB-PE), que é do grupo próximo a Lira. Para evitar uma "rebelião", o presidente da Câmara conta com o poder de persuasão da "matemática", diz um parlamentar do Centrão. Lira espera conquistar o apoio do PL, que tem 96 deputados, para depois, com os números em mãos, convencer o governo de que o melhor caminho é compor com ele em vez de correr o risco de referendar um nome com poucas chances de vitória.

Quem tem posição na Casa se credencia. Ele marcou uma posição política — pontua o deputado Felipe Franco. — Quem tem posição na Casa se credencia. Ele marcou uma posição política — pontua o deputado Felipe Franco. — Quem tem posição na Casa se credencia. Ele marcou uma posição política — pontua o deputado Felipe Franco.

Quem tem posição na Casa se credencia. Ele marcou uma posição política — pontua o deputado Felipe Franco. — Quem tem posição na Casa se credencia. Ele marcou uma posição política — pontua o deputado Felipe Franco.